

7

Análise e discussão de dados

Quando começamos com um dado, a questão sobre com o quê vamos terminar, que tipo de descobertas ele nos dará, não deveria ser uma consideração. Nós nos sentamos com um dado, fazemos várias observações, e vemos aonde elas vão dar. (Sacks, 1984, p. 27, minha tradução)¹

Neste capítulo serão apresentados os resultados da análise e reflexão das respostas e depoimentos prestados pelos autores de acordo com as perguntas de pesquisa. Esses dados serão discutidos segundo as bases teóricas apresentadas nessa dissertação e também serão investigados a partir de suposições feitas por mim, como pesquisadora, alicerçadas em minha própria vivência profissional. Suposições essas, sujeitas a comprovações ou contestações que podem ser realizadas em pesquisas futuras.

Como ferramenta de análise de dados me pautei no princípio de que o discurso individual expressa de várias formas a percepção de si mesmo. Tomei como âncora teórica os pressupostos de Rymes (Rymes, 1995) e Fairclough (1989, 1992) *apud* Ostermann, Dowdy, Lindemann, Türp, Swales (1999, p. 141):

Dentro da construção da narrativa, a língua e a gramática são recursos essenciais para a expressão do eu e da agência (Rymes, 1995). A maneira que o indivíduo molda seu próprio discurso e as escolhas lexicais e gramaticais feitas por ela, descreve, de certa forma, o modo como ela vê o mundo no qual vive e o papel que exerce nele. (Fairclough, 1989, 1992, minha tradução).²

Ostermann, Dowdy, Lindemann, Türp, Swales (1999, p. 141) *apud* Rymes (1995) prosseguem com a seguinte colocação:

As escolhas gramaticais e lexicais feitas dentro de uma narrativa oferecem pistas sobre a maneira como os falantes [ou escritores] estruturam seu próprio senso de eu e agência, assim como os membros de uma comunidade, por sua vez, percebem e reconstroem aquele falante [ou escritor] como um indivíduo ou agente. (Rymes, 1995, p. 496 – 497, minha tradução).³

¹ When we start out with a piece of data, the question of what we are going to end up with, what kind of findings it will give, should not be a consideration. We sit down with a piece of data, make a bunch of observations, and see where they will go.

² Within the construction of narrative, language and grammar are essential resources for the expression of the self and of agency (Rymes, 1995). The way the individual shapes her own discourse and the lexical and grammatical choices she makes describe to a certain extent, the way she sees the world which she lives in and the role she plays in it. (Fairclough, 1989, 1992).

³ The grammatical and lexical choices made within narrative provide clues to the way speakers [or writers] structure their own sense of the self and agency as well as to how the members of a community,

7.1

Análise e discussão do questionário

A aplicação do questionário constituiu a primeira fase da pesquisa e buscou identificar, nesse momento ainda de forma mais ou menos superficial, os modelos de práticas profissionais desses autores.

A respeito dos recursos que utiliza regularmente para desenvolver seus trabalhos, além de assinalarem todos os elementos sugeridos no questionário, no item “outros” foram incluídos: “livros de histórias” (esse item foi declarado pela autora que escreve materiais infantis); “outros materiais didáticos para idéias” e “folhetos e material de propaganda”. Essas respostas demonstram que o trabalho de criação desses autores envolve um tempo considerável dedicado à pesquisa.

Sobre as participações dos autores no plano de marketing do material que desenvolvem, todos mencionaram que participam apenas da fase de treinamento de professores e que essa colaboração é fundamental. As colocações usadas foram as seguintes: “A visão que o autor tem do material pode ser de grande valia para o usuário”; “...o autor, como criador do conteúdo, é quem tem melhores condições de evidenciar os pontos mais positivos do material e apontar a forma mais adequada de tirar o melhor dele, esclarecendo dúvidas, mostrando caminhos e preparando pessoas para a utilização” e por fim, “O diálogo entre autor e professor é essencial”. Essas colocações demonstram a preocupação do autor em dialogar com o professor, aquele que além do aluno será o principal usuário da sua obra. Para os autores XX, YY e ZZ o procedimento de expor a respeito do seu material aos professores ocorre normalmente na época de lançamento do mesmo durante seminários e congressos dos professores que lecionam na instituição de ensino de inglês a qual a editora desses autores está interligada. Já para a autora NN, que trabalha para uma editora que atende um mercado bem mais amplo de professores usuários, essa prática não ocorre com frequência pelo fato de a editora não investir nesse tipo de intercâmbio entre autor e professores.

Em relação ao item: “Durante a confecção do livro didático você opta por temas:
() Atuais () Informativos () Curiosos () Relacionados à cultura fonte

in turn, perceive and reconstruct that speaker [or writer] as an individual or agent. (Rymes, 1995, p. 496 – 497)

() Relacionados à cultura alvo () Outros” em que se enumera as categorias de assuntos que os autores buscam inserir em seus livros, na opção “outros” foi mencionado: “adequados à faixa etária do futuro usuário-aluno alvo” e “temas de relevância social”. Esse discurso confirma quem são para o autor o seu verdadeiro público, ou seja, além do professor, o autor escreve para o aprendiz e este deve ser contemplado com um material didático feito, na medida do possível, em função de certos atrativos que são comuns para a maioria de certo grupo de usuários. Confirmando essa constatação, na pergunta: “Durante o processo de criação, ao selecionar textos, compor enunciados e elaborar atividades, que aspectos você leva em conta em relação ao público alvo?” todos os respondentes priorizaram o aspecto da faixa etária desse público e seus prováveis interesses e necessidades.

No item: “Uma definição corrente de *visão de língua* diz respeito ao *Inglês* ser uma língua globalizada e também sobre que tipo de *Inglês* está sendo propagado quando se transmite o ensinamento desse idioma. Essa visão de língua reflete a **sua** também?” todos os autores disseram acreditar que o inglês é atualmente uma língua globalizada sim, e alternaram essa denominação com “internacional” e “franca”. Sobre suas opiniões a respeito de que tipo de *Inglês* está sendo propagado quando se transmite o ensinamento dessa língua as colocações que se destacaram foram: A autora XX mencionou que “Esta situação (da globalização) reforça a importância de expor ao aluno não somente a um dos “dialetos” dominantes, mas pelo menos aos dois mais importantes (britânico e americano), e se possível a outros também. No entanto, acredito que seja importante também focarmos nas formas lingüísticas mais freqüentes e socialmente aceitas, de modo a equipar o aluno a transitar de modo mais tranqüilo e competente por este mundo globalizado.”. A autora YY argumentou o seguinte: “Acho que não dá mais para se falar num inglês 100% britânico ou americano. Fala-se muito agora em ELF, *English as a Lingua Franca*, e acredito que seja esta a tendência do mundo.”. O autor ZZ se posicionou da seguinte forma: “A meu ver, o “tipo de inglês” que se deve ensinar depende do objetivo do usuário.” e “Num nível de necessidade de uso da língua mais elaborado – acadêmico, por exemplo – o dito “inglês internacional” talvez não seja suficiente.”. Já NN ressaltou que o aspecto social deve ser levado em conta quando se trata de ensinar o inglês, pois segundo a autora o fenômeno da globalização não é um processo homogêneo, para ela “há várias globalizações, com efeitos diferenciados”. Os autores XX, YY e ZZ não falaram explicitamente sobre a relevância de se optar por uma abordagem mais política e ideológica, suas intenções

parecem ser mais técnicas e pedagógicas. A autora NN embora não tenha mencionado claramente a importância do trato político dessa questão, deu a entender que se preocupa em questionar esse tipo de conhecimento junto aos alunos como uma prática conscientizadora. XX, YY e ZZ disseram que a editora para a qual trabalham endossam essas suas visões enquanto que o mesmo não ocorre para NN. Essas respostas demonstram que os autores possuem uma grande compreensão sobre a importância do inglês no mundo atual e que escrever LDs para o seu aprendizado abrange questões mais profundas do que as envolvidas no ensino de outras línguas estrangeiras.

No item em que se indaga a respeito de suas visões de ensino da língua e das abordagens e métodos utilizados os autores XX, YY e ZZ demonstraram acreditar que uma única abordagem ou método não satisfazem suas visões de como uma língua deva ser ensinada. Eles buscam diversos elementos considerados positivos e eficazes entre as várias abordagens de ensino de inglês como língua estrangeira que possam ser utilizados de acordo com seus próprios princípios e crenças. Esses autores, portanto, demonstram possuir amplo conhecimento sobre abordagens e metodologias de ensino de inglês como língua estrangeira, pois selecionam com autoridade os aspectos positivos de algumas delas os quais optam por utilizar em seus livros. Ao serem indagados: “A editora para qual você trabalha endossa essa sua visão?” a resposta foi positiva para os autores XX, YY e ZZ. Esses autores admitem que são privilegiados no sentido de compartilharem uma visão de ensino da língua com seus editores. Já a autora NN mediante as perguntas mencionadas alegou que adota uma visão sociointeracional da linguagem e da aprendizagem e, no meu entender, embora seja uma profissional altamente competente e qualificada a editora para a qual ela trabalha parece não respaldar sua visão pois a sua resposta foi negativa para essa pergunta. Esses contextos divergentes para a criação, entre os dois grupos de entrevistados, demonstra que muitas vezes, o autor se vê obrigado a criar baseado em crenças com as quais não compactua.

Ao serem interrogados se após terem suas obras publicadas eles, os autores, acompanham os desdobramentos das mesmas, todos responderam unanimemente que sim e inclusive, enfatizaram a importância dessa prática como meio de verificar se seus objetivos foram atingidos. Essa postura dos autores revela a necessidade que os mesmos possuem de obter constante *feedback* sobre os efeitos das suas criações a fim de poderem fazer acertos, e atenderem sempre que possível às necessidades dos professores e dos alunos.

“Como você se sente em relação à influência das novas tecnologias como os sites especializados em aulas de inglês *on-line* e os *e-books*?”. Ao responderem essa pergunta, os autores demonstraram acreditar que os recursos tecnológicos e virtuais são bem-vindos, porém, não acreditam na suplantação nem dos materiais impressos nem dos professores como elementos humanos presenciais.

A respeito de como se sentem em relação à possível cópia ilegal de suas obras, as respostas foram as seguintes: Os autores XX e YY revelaram se sentir desconfortáveis com esse ato pelo fato de se constituir uma ilegalidade. Já o autor ZZ reconhece que se trata de um problema que afeta os ganhos daqueles que vivem de vender livros, embora no seu caso, ele não receba direitos autorais sobre os livros vendidos e que, portanto essa prática não o atinge diretamente. E esclarece que “se a utilização de minha obra – mesmo que em cópia ilegal – está ajudando pessoas a aprender e crescer, meu coração de professor fica feliz na mesma forma.”. Essa declaração demonstra um relativo desprendimento e desapego desses autores de didáticos em relação ao conceito de propriedade intelectual – aspecto que ficará bem evidente na análise das entrevistas dos mesmos mais adiante. A autora NN é ainda mais enfática na sua declaração ao dizer que: “Não me preocupa. Julgo que não podemos deter conhecimento.”.

Os autores foram indagados sobre se as suas obras por si só cumprem inteiramente os objetivos por eles estabelecidos. Respostas diversas foram fornecidas: “Um livro didático é somente uma ferramenta (extremamente útil se for bem elaborado tendo em vista uma situação de uso específica), mas que não pode prescindir de um bom professor e de outros recursos pedagógicos impressos e áudio-visuais.”. Outra resposta que ocorreu foi a seguinte: “A minha obra não é constituída exclusivamente por um livro impresso. Faz parte do ‘pacote’ um CD de áudio, um CD-ROM, e recursos para o professor, então, nesse caso, a resposta a pergunta: Sua obra por si só cumpre inteiramente os objetivos estabelecidos? - é **sim**, pois foi dessa maneira que ela foi concebida.”. Os outros dois participantes responderam: “...cada sala de aula é uma sala de aula, e só o professor pode saber da necessidade de qualquer material suplementar.”; “O material didático só ganha vida em uso, ao interagir com possíveis interlocutores. Ele só “é” e se “completa” em interação. O resultado desse processo é sempre cambiante e inaudito, não podendo ser previsto.”. Todas essas afirmações me pareceram apontar para um consenso, o de que o livro didático é, poderia ou deveria ser uma opção, entre várias, de recurso didático para o professor e os aprendizes, e não o único material didático disponível. Apontam ainda para que todo tipo de conhecimento dos

alunos e do professor se configuram como recursos didáticos também. E o autor (juntamente com os co-autores) através do seu livro participa da conversação entre professores e alunos o que remonta aos princípios dialógicos de Bakhtin (1981) já mencionados nos capítulos 1 e 3 deste trabalho.

A última pergunta do questionário busca revelações que esclareçam a maneira como os autores se sentem em relação ao conceito de propriedade intelectual. Alguns trechos das declarações feitas pelos respondentes foram as seguintes: “Apesar do livro didático refletir a visão do seu autor, esta não é a única visão que o influencia. Não se pode esquecer que existem outras pessoas que contribuem na elaboração do livro didático, tais como os editores, diagramadores, ilustradores, etc, e que todas essas pessoas deixam marcas no material. Além disso acredito que o foco do material didático não deve ser o autor, mas sim os alunos, professores e instituições para os quais são elaborados e que o utilizam.”. Outra resposta que leva em conta a participação de outros profissionais na produção do LD é a seguinte: “Eu vejo assim a questão: um livro não é (e acho que não pode ser) exclusivamente do autor. Ele é o resultado de uma conversão de vários interesses e visões: da editora e suas necessidades, do mercado, do editor e seu próprio. Não acho que possa ser muito diferente.”. O posicionamento a seguir também leva em conta a interferência de outros profissionais: “Talvez no meu caso essa afirmação não seja verdadeira porque a editora para quem trabalho é praticamente constituída de autores, que lançaram suas bases. Mas vejo que autores em geral possam sentir isso, sim. Vejo que as editoras tendem, por exemplo, a temer inovações, e podem com isso cercear a criatividade do autor.”. Um último ponto de vista ressalta o seguinte: “Os leitores / usuários de um livro são co-autores. No caso do livro didático ele é um co-participante do processo de aprendizagem.”.

Em sua maioria as respostas revelaram que esses profissionais se reconhecem como parte de um amplo universo de vários atores e outros tantos participantes do processo maior de ensino e aprendizagem. Essas respostas de certa forma demonstram que esses autores não se sentem elementos essenciais de uma cultura. Suas declarações sinalizam uma concordância com o princípio de Barthes (1977) de que a unidade de um texto repousa não na sua origem, mas sim no seu destino.

7.2

Análise e discussão das entrevistas

O processo de análise das entrevistas foi muito mais um exercício de reflexão do que a tentativa de elaborar padrões, gráficos ou estatísticas. As colocações lexicais e as metáforas dos entrevistados foram levadas em conta, porém, o principal exercício realizado nesse estágio da pesquisa foi ressaltar os conceitos, fatos e noções mencionados pelos autores considerados relevantes por mim para o conhecimento e o entendimento do trabalho realizado por esses profissionais artistas ou artistas profissionais. Seus discursos são auto-explicativos dispensando muitas vezes comentários e explicações de um analista, pois na maioria das vezes remetem o leitor espontaneamente às colocações teóricas mencionadas nesse trabalho.

De modo geral as entrevistas sinalizam que os autores se consideram prioritariamente profissionais da educação. Julgam que seu trabalho esteja a serviço da área pedagógica e, portanto se vêem muito mais como uma classe distinta de educadores do que propriamente de autores.

7.2.1

Análise da entrevista com a autora XX

Na pergunta: “Como autor de LD você se sente um “autor menor”, com menos prestígio ou poder de decisão em relação aos outros tipos de autores?” a autora XX respondeu não saber se é uma questão de ser maior ou menor. Para ela se trata de trabalhos inteiramente diferentes e dessa forma seria difícil estabelecer uma comparação entre esses dois tipos de autoria. (Anexo 5, 15 - 21). A autora XX reconhece ainda que embora não seja reconhecido tão amplamente na sociedade o autor de didáticos goza de prestígio em seu meio, especialmente entre os próprios alunos. A autora observou o seguinte: “... *mas eu acho que quando a gente pensa no aluno, é eu acho que a gente não tem noção de como que eles valorizam, ou seja, eu tive contato com alunos que usam né? a série que eu trabalhei e eles ficam assim encantados de saber que tem uma pessoa ali por trás, eles ficam assim: ‘Foi você que escreveu meu livro?’ Eles acham que eles nunca na vida vão poder ter acesso a essa pessoa que escreve o livro pra eles.*”

Eles imaginam que seja uma coisa assim totalmente fora do normal.” (Anexo 5, 28 – 35). Embora de forma pouco contundente, a autora sinaliza que o suposto desprestígio do autor de didáticos no meio acadêmico, entende-se acadêmico aqui como o meio onde circulam os outros tipos de publicações que não a de didáticos, se deva ao fato de o LD ser geralmente objeto de muitas críticas. Essas críticas talvez se devam à sua natureza diversa à das obras literárias, por exemplo, pois o LD é uma criação com finalidades pedagógicas e é utilizado por um público muito grande. A autora se pronuncia dessa forma: “...eu acho que quando a gente pensa nos alunos eu acho que a gente tem um prestígio bastante grande. No meio acadêmico eu acho que nem tanto até porque eu acho que o LD com frequência ele é muito criticado. Então eu acho que esse prestígio cai um pouco no meio acadêmico.”. (Anexo 5, 37 – 41).

Ao ser indagada sobre “Como você se sente em relação à possível cópia ilegal de sua obra? Sua resposta foi motivada por quais convicções?” pareceu que a pergunta ocasionou um certo “estranhamento” na entrevistada. Esse “estranhamento” a que me refiro é o mesmo verificado normalmente nas práticas literárias quando determinado autor se propõe a romper a banalidade e quebrar o automatismo do cotidiano. A cópia ilegal de material impresso é uma realidade bem marcante em nossa sociedade, portanto, essa pergunta, de certa forma representou uma ruptura de um fluxo de perguntas pouco problematizantes para um tópico um pouco mais polêmico e complexo. A autora após alguns momentos de reflexão declarou que essa prática envolve questões de direitos autorais, financeiras e comerciais e que representa um incentivo à ilegalidade.

Ao responder sobre: “Enquanto elabora seu material, você se previne de alguma forma em relação ao acesso indevido por terceiros a esse material (que possa ocasionar plágio e espionagem por exemplo)?”, XX transpareceu que o fato de zelar pelo sigilo do material em construção se trata muito mais de uma exigência da editora do que de um cuidado do próprio autor. (Anexo 5, 101 – 108). É válido refletir se esse zelo da editora com o material que está sendo criado ocorre em função de se preservar uma propriedade do autor ou da própria editora face à concorrência. Uma ou outra perspectiva pode ser extremamente elucidativa a respeito das relações da editora com o autor e do trato dispensado pela editora à obra do autor. Caso o que importe para a editora seja realmente o livro e não propriamente o autor, procede então o meu questionamento inicial no capítulo 2, p. 17 onde eu argumento: “Os vários graus de importância que são atribuídos ao autor em momentos históricos distintos e em relação a diferentes gêneros

discursivos podem nos fazer supor que os conceitos de autor e autoria não sejam imprescindíveis para a valorização e o reconhecimento das produções escritas, sendo possível que os discursos permaneçam independentemente de referências aos seus autores.”. A própria autora XX mediante sua declaração parece em parte compartilhar essa visão de que o sucesso e a aceitação do seu material independem da condição de possuírem um autor. Um contexto maior que são os recursos disponíveis para suas pesquisas, o fato de a editora respaldar suas visões tanto de língua quanto de ensino da língua e a “aprovação” dos alunos são mais preponderantes para a criação.

A autora XX concorda que em relação aos tópicos tratados nos livros as publicações recentes possam se mostrar todas bem parecidas. Isso, segundo a autora, se justifica pelo fato de que é previsível que um material que queira ser atual trate de temas igualmente atuais, criando assim, de acordo com suas palavras, “*um overlap de tópicos*”. Em relação aos *layouts* XX considera que as diferenças são mais evidentes, especialmente se forem feitas duas grandes distinções: as publicações nacionais e as internacionais. Essas últimas, no entender da autora, tendem a ser um pouco mais conservadoras a esse respeito. Em relação às metodologias implantadas nos livros a autora acredita que aquelas que dão sustentação a uma abordagem comunicativa são as que vêm vigorando ultimamente. Apesar de reconhecer aspectos convergentes nos livros atuais, a autora não conclui que essas semelhanças sejam suficientes para tornar os livros parecidos de um modo geral, embora assim o pareçam para a pesquisadora.

Ao opinar sobre se considera imprescindível que o autor de LD tenha sido, ou seja, professor da matéria sobre a qual escreve, assim como os demais autores entrevistados, XX concorda veementemente que sim. Ela declara o seguinte: “*Eu acho que você tem que ter uma vivência em sala de aula próxima do que você está fazendo como autor de livro pra você poder conhecer em primeiro lugar o aluno, acho que em segundo lugar como que se aprende uma língua e aí, obviamente você vai acabar usando no livro as tuas crenças como professor, né? Eu acho que o material vai refletir isso. Você não tem como fazer um material diferente do que você acredita né? como professor. E também eu acho importante você saber onde esse livro vai ser utilizado, que tipo de instituição é essa, tá? Como é que você pode chegar mais perto do que essa instituição espera de um material.*”. (Anexo 5, 174 - 183). O fato de XX dizer que um autor não tem como fazer um material diferente daquele em que acredita é bastante significativo. Essa afirmação retrata um aspecto, ressaltado pela própria autora em outro momento da entrevista, que é a sua condição privilegiada de trabalho no sentido de poder escrever coerentemente

com suas crenças, pois a editora endossa suas visões de língua e de ensino de língua. Essas circunstâncias, de acordo com a observação e experiência pessoal da pesquisadora, não parecem ser comuns para a maioria dos autores, especialmente para aqueles que escrevem para franquias de escolas de inglês onde os interesses comerciais suplantam os pedagógicos, ou aqueles que escrevem para grandes públicos anônimos em que não se pode especificar com nitidez e exatidão quem são os usuários do material.

Ao ser requisitada a justificar sua resposta dada no questionário em relação a pergunta: “Você participa do plano de marketing do material que desenvolve (valor final do produto para o consumidor, treinamento de professores, data de lançamento...) ? Acha importante essa participação do autor?” a autora respondeu que quanto à divulgação do material, essa função não tem muito a ver com o papel do autor, o que para mim, pesquisadora, demonstra uma nítida separação entre o “autor profissional da educação” e o “autor *marketeiro* de si próprio”. Em relação ao treinamento de professores, a entrevistada ressalta que: “ *Eu acho que o autor pode ajudar, tá? Eu não tenho nada contra que o autor ajude nesse processo de treinamento do professor, mas eu também não vejo que isso seja uma obrigação do autor ou que ele seja a pessoa mais indicada, não. Eu acho que qualquer pessoa que conheça bem o material e que acredite no material e no que está ali pode fazer esse trabalho, tá? Eu não vejo porque isso tenha que ser feito centralmente pela editora ou pelo autor diretamente, tá?*” (Anexo 5, 224 – 230). A meu ver essas posições transparecem confiança da autora no resultado final do seu trabalho, pois em se tratando de um material auto-explicativo e eficaz, o mesmo não necessita exclusivamente do próprio autor para justificar escolhas feitas e procedimentos realizados por ele.

No fechamento da entrevista a autora declara: “... *o meu processo como autora foi um processo tão tranquilo porque é... é uma instituição que eu conheço já há muito tempo, que eu trabalho já há muito tempo, eu concordo plenamente com as crenças, que eu conheço muito bem, esse aluno eu conheço também muito bem na sala de aula, então eu acho assim, que foi um processo muito tranquilo, foi muito prazeroso escrever, né?...*”. (Anexo 5, 244 -249).

Diante de tal depoimento é válido refletir sobre o quanto o trabalho do autor de LD para o ensino de LI é mais gratificante quando as crenças do autor são respaldadas pela editora. E em caso negativo, o quanto essa falta de alinhamento de idéias é prejudicial ao trabalho do autor. É relevante refletir sobre se uma divergência entre os princípios do

autor, da editora e ainda dos editores podem vir a comprometer a qualidade de criação desse profissional. É cabível tentar revelar se nesse caso estar-se-ia embotando a apresentação de conteúdos novos e inovadores num universo onde se busca cada vez a eficiência e a eficácia do aprendizado, perpetuando dessa forma a produção de materiais bastante previsíveis em seus conteúdos e metodologias.

Em relação aos elementos lingüísticos que marcaram o discurso da autora XX, o uso sistemático e abundante da frase “*Eu acho*” para informar seu posicionamento acerca das questões levantadas na entrevista pode ser uma pista importante de análise. Nas duzentas e cinqüenta e uma linhas transcritas tal frase ocorreu setenta e quatro vezes, acompanhada uma vez da expressão “*Não saberia dizer, eu acho que não*” ao se posicionar sobre se as publicações atualmente são todas muito parecidas ou não. (Anexo 5, 149). Em oposição a esses números, a frase “*Eu acredito*” ocorreu uma única vez, ainda sobre o mesmo assunto. (Anexo 5, 127).

Essa observação pode induzir à suspeita de que os assuntos sobre o papel e a identidade autoral ainda não se encontram inteiramente definidos para os próprios autores. Pode ainda indicar que não é recorrente ou talvez, seja inclusive inédita a prática da conscientização do seu papel profissional e o exercício de pensar sobre a sua profissão e o significado do seu trabalho.

Embora o uso da frase “*Eu acho*” também tenha ocorrido de forma notável nas demais entrevistas, em relação à autora XX esse aspecto foi o mais marcante considerando as demais escolhas lexicais para a produção do seu discurso.

7.2.2

Análise da entrevista com a autora YY

Passando para a análise da entrevista com a autora YY, outros dados importantes sobre a profissão autores de LDs de LI como LE foram revelados.

Na pergunta: “Como autor de LD você se sente um ‘autor menor’, com menos prestígio ou poder de decisão em relação aos outros tipos de autores?” a autora de certa forma reconheceu que sim, isso quando se trata de levar em conta o julgamento daqueles que não são do seu meio ou classe profissional. YY se posiciona dessa forma: “*Eu acho que sim, eu acho que por mais que eu não sinta isso com frequência, porque*

como eu te falei a minha situação é muito especial, eu tô dentro de um environment que é todo de inglês, né? e que valoriza isso o que a gente faz, que é dentro da [nome da instituição] , então que eu não sinta isso no meu dia-a-dia, mas eu no fundo, assim, quando eu falo que sou autora... eu nunca falo que sou autora, escritora.... não falo, mas eu não falo mesmo! porque eu não me sinto... eu não sou escritora!”. (Anexo 6, 10 -16). Esse posicionamento parece confirmar os seguintes fatos: primeiro que a autora reconhece que existe um tratamento menos prestigioso em relação à sua profissão e ao seu trabalho por segmentos da sociedade alheios à sua área de atuação, mas que no seu caso específico esse tratamento é suplantado pela valorização do seu trabalho por parte da editora para a qual trabalha. Dessas constatações é relevante refletir sobre se todas, ou pelo menos a maioria das editoras consideram a importância e reconhecem a complexidade do trabalho do autor de didáticos, ou se o caso de YY é uma ou uma das exceções do caso. Essa falta de reconhecimento viria da desinformação do público em relação ao trabalho desenvolvido por autores de didáticos ou seria consequência de se tratarem de profissionais ligados à Educação? Ou se ainda, seria a soma das duas possibilidades?

A respeito de como a autora reagiria em caso de ocorrência de cópia ilegal de sua obra, a mesma declarou que se sentiria “desconfortável”. Baseado em suas repostas a motivação desse desconforto aparentemente não se deve às questões de preservação de direitos autorais nem de defesa de um sentimento de propriedade intelectual por parte da autora e sim, por se tratar de uma ação ilegal. Mesmo a pesquisadora tendo salientado se esse sentimento não seria motivado pelas razões mencionadas acima, a entrevistada foi persistente em relação ao seu ponto de vista. Esse posicionamento pode ser notado em: *“Eu fico desconfortável porque eu acho que não é certo”*. (Anexo 6, 38 -39). E continua em resposta às perguntas **“Então o seu desconforto ele vem assim, em relação a essa questão legal?”** e **“Teria alguma coisa a ver assim por ser uma obra sua, de sua autoria?”**. (Anexo 6, 40 – 41; 43 – 44).

Em relação a esse suposto desapego às questões de propriedade intelectual e direitos autorais, considerado por mim, YY utilizou uma metáfora de um filho ao estabelecer comparação com o seu livro: *“...porque uma vez que tá lá, tá lá. Não é mais meu. Eu tenho muito essa sensação assim, tá no mundo. Entendeu? Que nem filho. Filho não é meu.”*. (Anexo 6, 46 – 48). Essa colocação nos remete a filosofia de Barthes (1977) sobre a criação de um livro, mencionada no capítulo 1 desse trabalho. O filósofo e crítico literário utiliza a mesma metáfora ao comparar o autor com um pai.

O Autor, quando se acredita em sua existência, é sempre concebido como parte do passado do seu próprio livro: livro e autor se posicionam automaticamente numa única linha dividida em um antes e um depois. O Autor é pensado como aquele que nutre o livro, o que significa que Ele existe antes dele, pensa, sofre, vive para ele, é a mesma relação de antecedência ao seu trabalho como o o de um pai e seu filho. (Barthes, 1977, p. 2, minha tradução).⁴

Se seguirmos a linha de pensamento de Barthes, a autora YY se enquadra num conceito de autor, segundo ele, ultrapassado, pois na modernidade o autor inexistente, ele foi retirado do texto.

Em total contraste, o escritor moderno nasce simultaneamente com o texto, não está de forma alguma equipado com um “ser” que precede ou excede o ato de escrever, não é o sujeito e o livro predicado; não existe nenhum outro tempo além daquele da enunciação e todo texto é eternamente escrito aqui e agora. (Barthes, 1977, p. 2, minha tradução).⁵

A propósito de tais correntes filosóficas é notório que escrever um LD, e nesse caso, um LD para o ensino de LI como LE implica em planejamento e pesquisa de conteúdos, seleção de recursos e coleta de informações, etapas todas essas insubstituíveis e que necessariamente precedem a feitura do material.

Dando continuidade a análise das respostas da autora, a respeito de como se sente quando encontra no LD de um outro autor algum conteúdo bastante semelhante ao seu, YY encara esse fato como um prova de valorização e reconhecimento do seu próprio trabalho. Em contrapartida, quando, por acaso, algo elaborado pela autora já havia sido publicado por outro autor antes dela, ocorreu um sentimento inverso. A autora alega ter se sentido aborrecida com esse fato. Para ilustrar esses relatos com as próprias palavras da entrevistada leia-se a seguir: *“Claro! É porque tão gostando, é porque acharam*

⁴ The Author, when believed in, is always conceived of as the past of his own book: book and author stand automatically on a single line divided into a before and an after. The Author is thought to nourish the book, which is to say that he exists before it, thinks, suffers, lives for it, is in the same relation of antecedence to his work as a father to his child.

⁵ In complete contrast, the modern scriptor is born simultaneously with the text, is no way equipped with a being preceding or exceeding the writing, is not the subject with the book as predicate; there is no other time than that of the moment of enunciation and every text is eternally written here and now.

bom, é porque acharam que vale a pena, né? ainda mais uma editora internacional fazer isso? Eu achei o máximo! Adorei, né?”. (Anexo 6, 63 – 65). E complementando com o depoimento sobre a situação inversa: *“eu tentei bolar, eu não lembro o que que foi, mas eu tentei não fazer uma situação comum de ensinar sei lá, cores. Todo mundo ensina assim, eu vou ensinar assado. Aí esse assado já existia. E eu não tinha noção disso, aí eu fiquei assim, ai que saco, sabe? Coisa chata, mas também não é nada, não adianta... mas quando me copiam eu acho ótimo!”.* (Anexo 6, 72 – 77).

Essa conjugação de sentimentos pode levantar uma suposição a respeito de um provável sentimento de superioridade, ainda que não com implicações negativas nem pejorativas, daquele que é copiado em relação ao que copia. Cloninger (2003, p. 121) explica como Alfred Adler (1870 – 1937) discorreu em seus estudos sobre a busca da superioridade pelo indivíduo. Essa busca se faz “não no sentido de eminência, mas no de auto-aperfeiçoamento. Ou seja, a pessoa procura antes concretizar o que tem de melhor do que ser melhor do que os outros.”.

A autora se mantém fiel à metáfora de um filho quando questionada sobre os cuidados preventivos que possivelmente pode ter enquanto elabora seu material para precaver-se contra um acesso indevido desta por terceiros: *“Até ele nascer, por exemplo, quando ele tá sendo elaborado, tá no manuscrito ainda, as idéias estão sendo, é... paridas, né?”.* Anexo 6, 91 - 93).

Ao ser indagada: “Você concorda com a afirmação de que as publicações atualmente são todas muito parecidas? Como você explica esse fato?”. YY disse acreditar que sim. A autora demonstrou que seu trabalho envolve muita pesquisa sobre a língua inglesa e o seu uso e que ela como autora vem se especializando cada vez mais em questões de como preparar, em termos de conteúdo, material específico para alunos nativos brasileiros. Segundo a autora, o que torna seu material diferente daqueles que estão no mercado é essa abordagem especialmente orientada para o aprendiz brasileiro como falante da língua portuguesa. De acordo com a sua visão profissional essa suposta semelhança entre os livros publicados se deve a dois fatores basicamente. Primeiro, a necessidade das editoras em contemplarem um mercado significativamente vasto e segundo, o perfil conservador e tradicional, em relação à aceitação dos conteúdos a serem ensinados, da maioria dos professores.

Também é essencial para YY que o autor de LD de LI como LE tenha sido ou seja professor dessa matéria. Essa opinião, aliás, é compartilhada entre todos os autores entrevistados.

A respeito sobre como se sente em relações às críticas e revisões propostas ao seu trabalho, a autora diz se sentir incomodada quando é feita uma crítica que ela qualifica como “superficial” e “leviana”. Uma condição *sine qua non* para que a autora ceda à essas críticas, porque nessa profissão parece ser uma obrigação do autor ceder às imposições do editor, é a de que essas críticas sejam justificadas e convençam a autora de suas conveniências e propriedades. No trecho da entrevista que consta no Anexo 6, 200 – 229, as palavras e expressões chaves para expressar o posicionamento da autora em relação a esse tópico são: 1) o enunciado “*não fazer sentido pra mim*” (em relação às objeções do editor); 2) os verbos “*convencer*” e “*justificar*” em relação às ações de *feedback* que espera do editor mediante as críticas ao seu trabalho; 3) os adjetivos “*superficial*” e “*leviana*” (em relação às críticas) e 4) o substantivo “*energia*” que nomeia a matéria-prima do seu trabalho. Essas escolhas parecem refletir por parte da autora dois elementos importantes. Primeiramente, os itens 1, 2 e 3 demonstram que há uma consciência de que as críticas de revisores fazem parte do processo de produção e de que não se conclui a criação de um LD sem elas, porém, as mesmas não são aceitas como ocorrências naturais a menos que sejam justificadas e sejam sensatas no ponto de vista da autora. Esse pensamento por conta das respostas dos demais entrevistados parece ser uma atitude comum entre esses profissionais. A segunda escolha, a do item 4, marcada pela palavra “*energia*” transparece que a autora realiza seu trabalho com dedicação e que trabalha com empenho para a realização dessa tarefa.

No tópico sobre a importância do autor no processo de divulgação do seu trabalho prestando orientação ao professor, a autora justifica essa relevância da seguinte forma: “...você sendo autor você tem um envolvimento com o material que quase ninguém mais tem, né? Porque você tem ou talvez eu tenha, porque eu acho que é uma coisa assim muito pessoal, eu tenho uma relação afetiva com o que eu produzo. Eu não escrevo industrialmente, né? vinte milhões de livros...” (Anexo 6, 250 – 254). Faz-se aqui uma declaração sobre a relação afetiva que existe entre o autor e sua obra, expressão que novamente remete à metáfora de um filho. Seria de utilidade para pesquisas futuras averiguar mais profundamente se essa é uma verdade para a maioria, ou porque não, para todos os autores e em se tratando de uma hipótese verdadeira, como se dá essa convivência do autor com a sua condição de “paternidade”.

Reforçando essa relação afetiva que existe entre a autora e o livro que produz, YY ressalta: “*Aqui tem muito da gente, né? Muito de mim nessa criação.*” (Anexo 6, 269).

Outro aspecto importante dessa entrevista diz respeito ao ensino do inglês como língua franca. A autora menciona que uma das dificuldades de se criar um material dentro desses moldes é a possível resistência que haveria por parte do professor, que conforme já foi dito anteriormente tende a ser conservador e tradicional em relação aos conteúdos e tópicos gramaticais que escolhe ensinar. Segundo a autora essa abordagem iria requerer treinamento do professor para que adquirisse essa nova visão.

Uma evidência importante em relação às escolhas discursivas da autora YY foi o uso de palavras e expressões em inglês para expressar conceitos em português. Esses dados podem significar um processo de interferência inverso ao usual, o da L2 na L1.

YY no decorrer das 334 linhas transcritas de sua entrevista utilizou os seguintes termos, que são substituíveis por outros em português: *environment* (Anexo 6, 12); *features* (Anexo 6, 60); *report(s)* (Anexo 6, 97 e 187); *country-specific materials* (Anexo 6, 119 e 318 - 319); *slightly different* (Anexo 6, 120); *big deal* (Anexo 6, 126); *don't take me wrong* (Anexo 6, 148 -149); *teacher training* (Anexo 6, 150 -151); *patterns* (Anexo 6, 153); *grammar is not everything* (Anexo 6, 158 - 159); *hammer* (Anexo 6, 160); *recycle* (Anexo 6, 163); *build up* (Anexo 6, 164); *panica* (sic) (Anexo 6, 165); *what's it like* (Anexo 6, 175 - 176); *taste* (Anexo 6, 186); *resent it / I resent* (Anexo 6, 208 e 229); *making of* (Anexo 6, 263); *british* (Anexo 6, 271); *expert* (Anexo 6, 299); *fonology* (Anexo 6, 300, 301 e 328); *syllabus* (Anexo 6, 301); *intelligibility* (Anexo 6, 306); *language* (Anexo 6, 320); *learner training* (Anexo 6, 330).

Esse processo pode sugerir que, contrariamente ao que ocorre com o aprendiz de uma LE que recorre à língua-mãe para superar limitações na língua alvo a autora, por ter o inglês fortemente internalizado, recorre ao mesmo com frequência ao discorrer sobre assuntos relacionados ao seu trabalho. Essa característica pode comprovar o grau de conhecimento do inglês e a frequência de seu uso, demonstrando por parte da autora “domínio do conteúdo” sobre o qual e através do qual escreve.

Outra ocorrência importante de ser mencionada foi o uso repetido de *a gente* e três vezes de *nosso (a)* para falar de certos procedimentos realizados referindo-se não somente a si própria, mas também à editora, o que talvez comprove um traço de identificação de YY com os valores e a missão da editora na / para qual trabalha. “*A gente*” ocorreu vinte e três vezes para se referir a um trabalho conjunto e não individual intercalado com a declaração de que a editora *valoriza isso o que a gente faz* (Anexo 6, 12 - 13) e *a nossa rede* (Anexo 6, 83), *nosso servidor* (Anexo 6, 85) e *a gente tem alguns cuidados...* (Anexo 6, 85).

O uso de “*Eu acho*” para expor conceitos e observações também ocorreu com bastante frequência, intercalado com “*Pode ser isso*” (Anexo 6, 170) e “*eu teria que pensar um pouco sobre isso, talvez seja*”. Situações que podem apontar para um processo de conscientização profissional e também de formação de identidade ainda em andamento.

7.2.3

Análise da entrevista com o autor ZZ

Ao ser indagado sobre sentir-se desprestigiado como autor de didáticos em relação aos autores de outras produções escritas, o autor ZZ declarou que sua incursão na profissão de autor de LD para o ensino de LI como LE foi um fato acidental em sua carreira acadêmica, em outras palavras, o autor não se preparou nem investiu em si mesmo para ser especificamente um autor. Complementou seu argumento explicando que pelo fato de seu trabalho ser tão especializado ele considera que exista grande mérito em suas criações. Sua revelação é a seguinte: “...*essa sensação que você falou como autor de livro didático eu me sinto menos ou menor do que um autor de sei lá, de outros tipos de livros, né? Na verdade eu nunca tinha me visto como autor de nada. De repente era um momento em que eu tava me tornando um autor de alguma coisa. Então, eu não me sentia assim e eu acho que, não sei como os outros se sentiriam, sei lá, um [nome de um renomado autor de livro didático para o ensino de língua inglesa como língua estrangeira], um [nome de um outro renomado autor de livro didático para o ensino de língua inglesa como língua estrangeira], tá? não sei, mas me parece que é uma coisa tão específica que a gente faz voltada para uma coisa tão diferente de escrever um romance, de escrever uma novela, né? que eu não sei, não, eu não me sinto menor que ninguém, não. (risos). É diferente.*” (Anexo 7, 13 - 25).

Segundo o autor o que diferencia seu trabalho em relação ao dos demais autores de outros gêneros é, sobretudo, a especificidade do trabalho que desenvolve e também o volume e a extensão da interferência (maior nesse segmento) do público alvo e dos editores no teor da sua criação.

Em relação à maneira como reagiria mediante uma cópia ilegal de sua obra, o autor esclarece que pelo fato de não receber *royalties* pelas suas publicações e não recolher

direitos autorais essa prática lhe parece muito mais prejudicial para a editora do que para ele próprio. Independente da questão financeira, considerando a cópia um ato de suposta apropriação indevida de uma propriedade intelectual, ZZ declara não se posicionar dessa forma. Ao contrário, ele percebe como lisonjeiro o fato de ter sido copiado. O autor menciona: *“em termos afetivos e em termos de... como é que eu vou dizer... me sentir dono da coisa eu acho até ótimo. Entendeu? se você quiser copiar o meu livro pra você usar lá, pra mim isso é uma forma de... como é que o povo diz? é.. flattery, é, né? imitation is a form of flattery, né? Então, você copiar, também é pra mim. Então, uma pessoa que copia um material é porque o material é bom. Eu me sinto muito bem com isso.”*. (Anexo 7, 61 -67). E complementa: *“Sinceramente, não. Sabe por quê? Vou dizer pra você. Por que pra mim o que eu produzi não é aquela coisa visual. É uma coisa muito mais profunda, entendeu? No momento em que você usa um, sei lá, você pega um [nome de um livro] que é um dos meus favoritos, assim. Pega lá uma lição do [nome do livro] e copia pra usar com a sua turminha de gente que não pode comprar livro, tá? Você tá usando a minha metodologia, você gostou daquilo que eu fiz e você acha que aquilo vai funcionar pro cara aprender inglês. Pra mim, isso daí é o que importa.”*. (Anexo 7, 70 -77).

Essas declarações são coerentes com o que vem sendo demonstrado nas demais entrevistas em relação a esse tema. Parece haver entre os autores certo desprendimento em relação às questões de propriedade intelectual das suas criações. E cabe especular se essa postura se deve ao fato de se tratar da autoria de material didático que cumpre papel pedagógico e, portanto, é veiculado no âmbito da educação. YY cogita sobre a possibilidade de ser verdadeira essa suposição: *“...a gente é uma, vamos dizer assim, uma classe, se a gente pode considerar classe, muito boazinha, sabe? A gente é muito educador, né?, A gente quer que todo mundo seja feliz, que todo mundo se dê bem e às vezes a gente não pensa nesse lado.”*. (Anexo 7, 107 -110). Essa declaração embora pertinente ao tópico que vinha sendo tratado foi proferida na ocasião em que o autor comentou sobre a importância de se reivindicar propriedade intelectual sobre as metodologias criadas e não necessariamente sobre o livro em si: *“A metodologia. A gente tem que reivindicar a nossa metodologia. E a gente não faz isso. Entendeu? É isso que a gente tem que fazer. Não é o livro que é nosso. É o rationale daquele livro que é nosso.”*. (Anexo 7, 142 – 144). Essa temática ressaltada pelo autor parece ser extremamente relevante para a reflexão entre os autores na área do ensino de LI como LE. A metodologia criada pelo autor pode vir a ser realmente o cerne da sua criação,

possivelmente o principal repositório de criatividade e originalidade para a feitura de um material didático. A carga emocional que acompanha essa constatação foi revelada num lapso de linguagem do autor. Na psicanálise entendem-se esses lapsos de linguagem ou expressões errôneas como lapsos freudianos. O que ZZ mencionou foi o seguinte: *“eu e a [nome de autor] trabalhamos juntos no começo do [nome da série que o entrevistado prroduziu], né? Eu e ela é que demos realmente o kick off inicial nessa ideologia, desculpe, metodologia toda. Entendeu? Então... é, porque tem um pouco de ideologia também, por isso que eu troquei... e aí, ...”*. (Anexo 7 147 – 151). Explicando mais profundamente o que constitui objeto de posse do autor, o entrevistado explica: *“Se eu vir lá no livro, sei lá, de um outro autor uma atividade, não só uma atividade, mas uma seqüência de atividades que está fazendo exatamente, pode ser completamente diferente das minhas atividades, mas que tá usando a mesma idéia, o mesmo princípio, a mesma, sabe..., a mesma sacação, aí eu vou ter ciúme. Entendeu? Não é fotocópia, não é o exercício igual.”*. (Anexo 7, 153 – 158).

Em relação aos cuidados tomados para se prevenir de um possível plágio ou de alguma espionagem editorial enquanto seu livro ainda está sendo produzido, o autor admite que não gostaria que suas idéias fossem apropriadas por terceiros antes da sua obra estar concluída, mas que as medidas de segurança tomadas já partem principalmente da editora. Essa declaração de ZZ no que diz respeito a uma hipotética apropriação parece demonstrar que o autor considera a condição autoral como um processo. Sugere existir um momento que antecede a criação da obra, que compreende um estágio de planejamento, pesquisa, maturação de idéias e experimentação. Essa constatação contradiz a afirmação de Barthes (1977) mencionada no início desse trabalho (p. 10) de que o “autor moderno” nasce simultaneamente com o texto e dessa forma não existe um tempo que precede ou que excede o ato de escrever. E que o que existe é o próprio momento da enunciação onde todo e qualquer texto é sempre escrito no presente. Em relação ao fato de as medidas de segurança para a preservação dos originais partirem da editora reiteram a conclusão de que essa postura da editora se deve muito mais em função do assédio dos concorrentes do que da preservação da obra, enquanto patrimônio intelectual de um autor.

Outra circunstância sobre os métodos de produção desses profissionais revelada pelo entrevistado é a extensa jornada de trabalho realizada diariamente. O autor admite que trabalhe em média oito ou nove horas por dia e que eventualmente realiza alguma tarefa em casa e nos fins-de-semana. (Anexo 7, 186 – 188). Essa dedicação demonstra o

envolvimento do profissional com a qualidade do seu material e possivelmente revela o prazer que sente com a criação, com a produção de material criativo. Nesse sentido, sua produção se assemelha à de um autor literário que muitas vezes escreve compulsivamente, sem se restringir a horários e não se comportando em função de um modelo empregatício.

Sobre a possibilidade de os livros publicados serem bastante semelhantes atualmente, o autor percebe que essa semelhança possa ocorrer principalmente entre os livros de níveis elementares. Ele atribui essa possível padronização à opção dos autores e do mercado em geral de seguirem modelos que “*funcionem*” bem, de acordo com as expectativas criadas pelos professores e seus alunos. O autor explica que de tempos em tempos alguma nova tendência chega ao mercado sugerindo um novo modelo a ser seguido e ele considera esses livros como sendo marcos na história das publicações de LDs para o ensino de LI como LE.

Essa declaração vai ao encontro da suposição de que por considerar o LD um gênero discursivo com suas especificidades este possui uma natureza sociointerativa que lhe permite sofrer modificações, alterações essas que são codificadas pelos autores, para satisfazer as constantes necessidades comunicativas que surgem de tempos em tempos.

O autor foi indagado sobre se lhe é possível reconhecer os estilos dos autores. Ao que ele respondeu que: “*Às vezes, não é que eu consiga identificar e dizer foi o cara que escreveu, isso, não. Eu consigo dizer assim: ‘isso aqui poderia ter sido escrito por fulano de tal.’ Vamos pegar o [nome do autor] e o [nome de um livro que esse autor escreveu], tá? Aquela coisa do [nome do livro] de sempre personalizar, o aluno sempre vai ter uma oportunidade de falar dele usando aquilo ali, tá? Isso é a cara do [nome do autor]. Onde estiver [nome do autor] você vai achar personalisation, uma preocupação grande com isso.*”. (Anexo 7, 278 - 285).

Essa declaração pode colaborar com a suposição de que talvez seja possível para o autor de LDs de LI como LE ter uma marca e um estilo próprio. É válido nesse momento de análise retornar à pergunta de pesquisa proferida no capítulo 1 desse trabalho em que eu considero se as possibilidades do autor são a de se conformar ou resistir a um gênero; ou ainda, impor discursos próprios ou reinterpretar discursos alheios.

É possível conceber que a personalidade do autor contenha algo de único que se expressa através do seu estilo. Esse estilo talvez possa ser caracterizado por preferências do autor por: certos tópicos; tipos de enunciados; mais ou menos uso de imagens; mais

ou menos uso de textos escritos; certas propostas de atividades; escolha de palavras, entre outros elementos que se sobressaem na composição das unidades de um LD.

Sobre a relevância do autor de LD ter que ser ou ter sido professor da matéria sobre a qual escreve o autor considera que essa seja uma condição essencial: *“Ah, eu acho que não tem como não ser diferente. Porque se você tá escrevendo pra um professor usar e para o aluno ter sucesso. Pôxa, você tem que saber o quê que o cara precisa, né? Basicamente se você não for, se a sua orientação... eu não consigo falar isso em português... pra você ser client-oriented, quer dizer, você tá pensando no sucesso daquele que vai usar, né? Você tem que saber, conhecer esse cara. Tá, você pode conhecer de outras maneiras, vai lá assiste quinhentas aulas, tudo bem, acho que funciona, mas se você tem a experiência, nada melhor.”* (Anexo 7, 331 – 339). Essa crença demonstra que prioritariamente, a criação do autor de LD para o ensino de LE é essencialmente dedicada aos professores e alunos, embora esteja sempre sujeita às restrições impostas pelas editoras e em última instância pelo mercado.

Em relação ao seu posicionamento quanto às críticas feitas ao seu trabalho pelo editor, o autor admite que defende com autoridade seus pontos de vista e que para concordar com as mudanças propostas é preciso que as modificações sugeridas sejam fundamentadas. Sobre as críticas que advêm do público em geral o autor as classifica como *“excelentes”*, no sentido de serem bem-vindas, pois são a matéria-prima para o aperfeiçoamento do seu trabalho. (Anexo 7, 369 -381).

O autor foi indagado sobre se considera o LD o resultado de um trabalho mais predominantemente de co-autoria do que de criação individual, ao que o mesmo respondeu: *“É, não necessariamente. Eu acho que a co-autoria ela é melhor pro produto final, tá? E o editor, como eu falei, é um pouco autor também por causa disso, né? Tem que ter e sempre tem. Você não tem só: o autor escreveu e o livro tá publicado: isso não existe! Agora, se você tiver mais de uma pessoa escrevendo, a gente poder trocar idéia, um mostrar pro outro, entendeu? Você vai melhorando enquanto faz. Isso é excelente. Eu acho que o produto melhor é feito a, pelo menos, quatro mãos. Eu acho.”*. Anexo 7, 384 – 391. Essa declaração demonstra o reconhecimento da interferência, absolutamente necessária, do editor como colaborador no processo de autoria. Parece ser parte do processo de criação o fato do autor encontrar-se por demais familiarizado com a sua criação sendo-lhe difícil olhá-la de forma estranha.

O autor ZZ demonstrou no restante da entrevista, ao opinar sobre as novidades e mudanças nos meios de produção de material didático e de ensino, ser um profissional altamente qualificado para a função que exerce, e estar muito bem-informado sobre as inovações na área de ensino e aprendizagem de línguas.

Em relação às suas escolhas de linguagem, ZZ de um modo geral compartilhou os mesmos elementos enumerados em relação aos demais autores entrevistados. O uso da expressão “*Eu acho*” ocorreu trinta em duas vezes ao longo da entrevista junto com a expressão “*Deixa eu pensar um pouquinho? Eu tô pensando...*” (Anexo 7, 221), e ainda “*eu não sei, eu acho que..*” (Anexo 7, 229) e também *Deixa eu pensar aqui...* (Anexo 7, 393). Essas escolhas sugerem processos de formação de opinião em progresso.

O emprego de palavras e expressões em inglês para expressar conceitos em português, inclusive com a criação de um neologismo: *chunkões* (Anexo 7, 251) também pode ser verificado. As palavras e expressões usadas foram: *constraint* (s) (Anexo 7, 25 e 29); *flattery* (Anexo 7, 64); *Imitation is a form of flattery* (Anexo 7, 65 e 92); *rationale* (Anexo 7, 144); *kick off* (Anexo 7, 149); *firewalls* (Anexo 7, 173); *shreded / shred* (Anexo 7, 176 e 177); *sorry* (Anexo 7, 183); *landmarks* (Anexo 7, 229); *chunks* (Anexo 7, 250) e *training session* (Anexo 7, 288).

Uma possível comprovação da identificação do autor com os valores e a missão da editora é revelada da seguinte forma: “*Todos nós, eu diria, a gente tem uma, um papel um pouco diferente, eu acho, dos autores que escrevem para outras editoras. Por quê? A gente foi, é, convocado para estabelecer a metodologia da [nome da instituição] através dos materiais. Tá? Tanto que nós viemos todos da área acadêmica da [nome da instituição] que eu trabalhava já há muitos anos, né? para que ao criar os livros, os materiais a gente estabelecesse a metodologia.*”.

Ao falar da realização do trabalho de criação o autor fala de si próprio como uma classe ou uma equipe usando “*a gente*” para relatar procedimentos realizados como se os mesmos ocorressem em parceria com outros colaboradores e não como atos individuais. Essa percepção é colocada explicitamente em certo trecho da entrevista: “*Agora tudo isso que eu falei está nos nossos livros, e não é só nos que eu escrevi não. No que a [nome de um autor] escreveu também. No que os outros escreveram também. Porque eu, junto com a equipe, é que nós trouxemos essas idéias, essas verdades, vamos dizer assim, é pra dentro da [nome da editora]. Todo o material da [nome da editora] ele mesmo meio que é... se desenvolveu com essas idéias na cabeça.*”. (Anexo 7, 119 -125).

Esse discurso demonstra um princípio de criação em co-autoria com outros profissionais em que o autor não está sozinho no desenvolvimento de sua obra.

7.2.4

Análise da entrevista com a autora NN

A autora NN é que aquela que se coloca como contrapeso em relação aos demais depoimentos por fazer parte de uma realidade editorial bem diferente em alguns aspectos dos demais entrevistados. Ao contrário dos autores XX, YY e ZZ que trabalham em uma editora especializada, a autora NN presta serviços para uma editora nacional que procura atender professores e alunos usuários de LDs em escolas privadas e públicas de todo o país. A editora para a qual trabalha de um modo geral, não endossa suas visões de língua e de ensino de língua. O professor que utiliza seu material em sala de aula é pouco capacitado ou não é especializado no ensino que exerce. São professores e alunos para os quais o LD é o único ou principal material didático utilizado em sala de aula. Esses professores lecionam para grandes grupos, muitas vezes em salas de aula inadequadas para o ensino de uma língua estrangeira.

Ao definir sua visão de língua a autora NN declarou que respalda uma visão sociointeracional da linguagem e da aprendizagem. Essa visão condiz com aquela recomendada pelos PCNs para o ensino de língua estrangeira nas escolas de ensino fundamental. Esse posicionamento da autora pode revelar uma perspectiva de ensino e aprendizagem mais relacionada a questões pedagógicas do que técnicas. A autora ressalta que essa é a sua visão atual, pois essa perspectiva se modificou ao longo da sua carreira devido aos aprimoramentos acadêmicos que vem adquirindo. Para exemplificar a ocorrência dessa mudança a autora declara: *“a visão de linguagem e aprendizagem costumam mudar quando o professor, né? eu botei aqui que eu sou autora didática há 21 anos, né? Meus primeiros livros didáticos é... eu já não me reconheço mais nos meus primeiros livros didáticos, né? Eu vejo que a minha visão de linguagem e de aprendizagem era outra, né? então as atividades propostas, o desenho do livro, e o que eu problematizo é completamente diferente. Por que que eu mudei? Por que eu fui fazer um mestrado, um doutorado, entrei em contato com outras visões de linguagem e aprendizagem e isso, né? automaticamente...”*. (Anexo 8, 18 – 26). Essa declaração

demonstra como a autora está profundamente envolvida com o universo pedagógico do qual faz parte como autora de LDs.

A autora foi questionada sobre se as tendências do mercado influenciam seu trabalho ao que ela respondeu: *“Olha, uma tendência de mercado, no meu caso particular, não é que ela influencie, mas uma visão de mercado ela é importante para a editora e se você não fizer algumas concessões, a editora não publica seu livro. Então, você tem que fazer muitas concessões e concessões que tem a ver com as suas crenças para poder ter seu livro publicado.”*. (Anexo 8, 29 -33). Foi tocado aqui num ponto fundamental que diz respeito à falta de autonomia do autor de LDs. Esse parece ser um elemento intrínseco à função de autoria. O autor que publica livros segundo Foucault (1979) não possui controle sobre a sua criação. O filósofo explica essa condição da seguinte forma:

... nós devemos reverter inteiramente a idéia tradicional sobre autor. Estamos acostumados, conforme pudemos ver anteriormente, a dizer que o autor é o criador genial de um trabalho no qual ele deposita, com infinita riqueza e generosidade, um mundo inextinguível de significações... A verdade é bem diferente: o autor não é uma fonte indefinida de significações que preenchem um trabalho, o autor não precede seu trabalho, ele é um certo princípio funcional pelo qual, na nossa cultura, alguém limita, exclui e escolhe; resumindo, pelo qual alguém impede a livre circulação, a livre manipulação, a livre composição, decomposição, e recomposição da ficção. De fato, estamos acostumados a apresentar o autor como um gênio, como um perpétuo surgimento de inventividade, isso porque, na realidade, nós o fazemos funcionar exatamente da maneira oposta. (Foucault, 1979, p. 158, minha tradução).⁶

Comparando as divagações filosóficas de Foucault com o tema dessa pesquisa podemos avaliar através do depoimento da autora NN sobre as concessões que os autores precisam fazer para terem seus trabalhos publicados, que para haver autoridade em se tratando de autoria é essencial que o autor seja validado pela editora.

⁶ ... we must entirely reverse the traditional idea of the author. We are accustomed, as we have seen earlier, to saying that the author is the genial creator of a work in which he deposits, with infinite wealth and generosity, an inexhaustible world of significations... The truth is quite the contrary: the author is not an indefinite source of significations which fill a work; the author does not precede the works, he is a certain functional principle by which, in our culture, one limits, excludes, and chooses; in short, by which one impedes the free circulation, the free manipulation, the free composition, decomposition, and recomposition of fiction. In fact, if we are accustomed to presenting the author as a genius, as a perpetual surging of invention, it is because, in reality, we make him function in exactly the opposite fashion.

Essas concessões, no caso específico de NN, se tornam ainda mais imperativas pelo fato de suas publicações se destinarem a consumidores de LDs que em sua maioria são professores mal formados. A autora enfatiza que a editora para a qual trabalha produz material para o “*multigeneralizado*” público brasileiro. No trecho do Anexo 8, 38 -51 a palavra “*ameaça*” aparece como uma palavra-chave que resume essa realidade a qual a autora se refere.

A referência que faz NN conjugada com as colocações de Foucault (*op. cit.*), demonstra que a condição do autor é sempre de conformação e limitação às imposições externas que ocorrem para enquadrar seu livre pensamento em moldes socialmente criados. Embora ocasionalmente ocorram brechas nesse sistema de normatização das idéias o produto final de um autor é algo que já não é puro, nem original.

A autora ao ser questionada sobre sentir-se menos prestigiada em relação aos autores de outros gêneros discursivos tais como o literário, explicou sua condição da seguinte forma: “*O que eu posso dizer é que o autor de livro didático ele seria um autor menor sim porque ele é um profissional de educação e a educação no nosso país não é valorizada, né? Então o autor de livro didático estaria na escala dos autores um pouco menores. Com relação à editora, não sei, se o livro é um blockbuster, né? um arrasa-quarteirão, esse autor, ele tem regalías na editora. Não importa se ele tá escrevendo sobre jardinagem, sobre educação, sobre física nuclear, né? Pra editora e pro mercado o que conta é a sua inserção no mercado, então eu sei de alguns autores, não gostaria de citar nomes aqui por questões éticas, mas eles vivem de seus livros didáticos, viajam o Brasil inteiro, respaldados pela editora, então esses autores têm suas portas abertas, então tem muito prestígio. Para a editora a questão do que vale mais ou menos é a inserção do autor e do livro no mercado. Para a sociedade e para os autores, sim, o autor de livros didáticos por que tá na área de educação seria sim um autor menor.*” (Anexo 8, 59 – 73). Esse depoimento é significativamente auto-explicativo e reforça a constatação do papel desprestigiado da Educação na sociedade ocidental nos dias de hoje, assim como de todos os profissionais direta ou indiretamente envolvidos com ela.

É relevante observar que NN percebe o prestígio do autor em dois contextos: o da educação e o do mercado. Essa percepção pode transparecer que o autor de LD é consciente de que o seu prestígio não depende do reconhecimento de uma obra que tenha sido criada em concordância com suas crenças e sim, em conformidade com as expectativas do mercado. Essa indiferença e desatenção das editoras às convicções do autor podem ser cruciais na formação da sua identidade. Como o autor se reconhece,

então: No papel de um autor a serviço do ensino ou de um autor a serviço de um mercado voltado para alimentar o sistema de ensino?

A autora parece comprovar o caráter acidental do percurso dos profissionais que se tornam autores de LDs. NN colabora com a comprovação dessa hipótese relatando uma experiência própria: “... *eu dou aula no Inglês 7 e o Inglês 7 é o penúltimo semestre dos alunos e muitos deles já estão no mercado e eu sempre faço essa pergunta: “Alguém aqui já pensou em ser escritor, produtor de material didático?” Nunca vem uma resposta positiva, assim afirmativa.* (Anexo 8, 78 – 82). Embora não tenha sido mencionado como a própria autora se iniciou nessa profissão, o que parece é que - como sugerem os depoimentos dos demais entrevistados a respeito deles também - o seu ingresso nesse ofício foi incidental. A ausência de uma pergunta sobre como o entrevistado se tornou um autor de LD para o ensino LI como LE se configura nessa altura da análise dos dados como uma deficiência na pesquisa, que no entanto pode ser suprimida num próximo trabalho que busque maior profundidade sobre esse tema.

Ao ser interpelada sobre como se sente quando encontra no LD de um outro autor algum conteúdo bastante semelhante ao dela, a entrevistada, assim como os demais autores, sente que essa atitude traduz um reconhecimento de que o seu trabalho está bem feito; NN também encara esse tipo de imitação como algo lisonjeiro.

Sobre uma possível cópia ilegal da sua obra, a autora alega não ver nenhum problema nessa atitude. Para ela o saber é para ser compartilhado e socializado. Nesse ponto da entrevista a autora não mencionou se a maneira como se dá a cópia, quer dizer, através de fotocópias mais especificamente, também não é uma questão para ela. Talvez esse detalhe não tenha ficado claro para a entrevistada, de qualquer forma, o que foi relevante nessa reposta foi o fato de a autora demonstrar possuir uma visão democrática e não elitista do ensino, ponto de vista também compartilhado pelos outros entrevistados, porém de forma menos contundente devido provavelmente às diferentes escolhas de palavras feitas pelos demais. A partir dessas considerações fica um tanto evidente que da mesma forma como em geral as editoras não costumam prestigiar o papel do autor, e sim, aquilo que os mesmos produzem, os autores por sua vez não se preocupam com a diminuição do lucro das editoras como consequência da prática ilegal de reprografia.

Quanto às prováveis e possíveis medidas preventivas de plágio durante a confecção do seu material a autora, diferentemente dos outros entrevistados, não declara que a editora tome esses cuidados. E em relação a um comportamento pessoal como autora,

NN demonstra também não se prevenir nesse sentido de forma nenhuma. A autora ressaltou um elemento importante nesse processo que é o papel do contexto como modificador das idéias que possam vir a ser copiadas: *“O material é um todo que reflete uma postura filosófica, educacional, uma visão de linguagem, uma visão de aprendizagem, não tem perigo que uma pessoa possa pegar uma atividade do seu livro e quiser copiar e botar em outro lugar, com certeza vai fazer parte de um outro contexto, será uma coisa diferente, né?”*. (Anexo 8, 136 – 141).

A autora foi questionada sobre se considera as publicações atualmente todas muito parecidas, ao que respondeu que sim e explicou que isso ocorre porque os LDs têm que seguir uma tendência do mercado. O público que predominantemente compõe esse mercado são os professores. Somado a isso a autora resalta que os professores em geral são bastante conservadores e refratários em relação às inovações pedagógicas. No trecho em que discorre sobre essa realidade (Anexo 8, 145 – 182) a autora repete a expressão *“tem que”* oito vezes para falar da necessidade de se adequar o material didático às exigências do público e a utilização desse recurso lingüístico de repetição pode demonstrar um possível ressentimento da autora por ter que fazer certas concessões que contrariem suas crenças.

Os demais autores entrevistados também se referiram ao perfil conservador do professor de um modo geral. A diferença entre os professores usuários dos livros de XX, YY e ZZ e os de NN possivelmente seja um nível de resistência menor dos primeiros devido a dois fatores: porque constituem um grupo menor e porque são professores mais qualificados e, portanto, mais suscetíveis a assimilar propostas inovadoras.

A opinião da autora sobre a importância do autor de LD ser ou ter sido professor da matéria sobre a qual escreve, assim como de todos os entrevistados é de que essa condição seja imprescindível para a realização desse trabalho. O que se destaca em sua reposta, contudo, é que diferentemente do que ocorre na editora para as quais trabalham os demais entrevistados, na sua, essa não é uma situação unânime. Em sua resposta a autora faz uma ressalva importante: *“Eu acho que quem tá na posição ideal de ser autor de livro didático é o professor pesquisador. É o professor que tem experiência de sala de aula e que tem hábito de investigar sua própria prática e a prática de outros. Eu acho que esse seria o professor que estaria numa posição ideal pra implementar esse trabalho, ou o professor que tem por hábito pesquisar a prática didática de outros*

professores, mas o contato com a sala de aula e com o aluno e o conhecimento do que está em jogo na sala de aula, eu acho que é fundamental.”. (Anexo 8, 191 – 198).

Como os demais autores NN demonstra que seu trabalho demanda vasta pesquisa no período que antecede e durante a feitura do material didático. E quanto às críticas que são feitas durante o processo de elaboração e depois de o livro já publicado a autora também as considera fundamentais para o melhoramento do seu trabalho. Mais uma vez ocorre um consenso entre os entrevistados a respeito de um elemento importante dessa pesquisa.

A partir da análise do discurso da autora NN foi verificado que a entrevistada demonstra ter certezas e opiniões formadas sobre temas que dizem respeito à sua profissão. A expressão “*Eu acho*” ocorreu quatro vezes ao longo da entrevista. Esse índice baixo de repetição pode denotar um processo amadurecido de formação de pontos de vista que podem advir do tempo de profissão (vinte e um anos) exercido por essa profissional. Essa ocorrência pode também ser consequência de uma vivência profissional mais competitiva e também menos prestigiosa pelo fato de trabalhar em uma editora de grande porte que produz LD em larga escala. Uma única expressão que poderia denotar alguma hesitação foi em relação à pergunta sobre se a autora, que também leciona, saberia dizer porquê seus alunos nunca cogitam a idéia de escreverem LD, ao que NN respondeu: “*É.. não sei, não sei.*”. (Anexo 8, 85). Esse pronunciamento se opõe à categórica expressão “*o que eu penso como autora...*” (Anexo 8, 269) ao se pronunciar sobre como as revisões e as críticas são recebidas por ela durante a produção do material.

O uso de palavras e expressões em inglês ocorreu uma única vez com a palavra “*procedural*” (Anexo 8, 190), o que pode estar relacionado ao fato de a autora produzir material didático para um público tanto de alunos quanto de professores menos especializados e dessa forma, estar habituada a dosar e nivelar suas escolhas lingüísticas quanto à complexidade de entendimento.

7.3

Resumo do que foi investigado

A análise dos questionários e das entrevistas sinalizam que os autores que colaboraram com essa pesquisa são profissionais competentes e especializados na área

de ensino na qual atuam. E essa condição parece ser imprescindível para todos aqueles que exercem essa profissão devido às rápidas e freqüentes inovações que surgem na área de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, e também pelo fato de que o uso de uma língua é sempre um processo dinâmico.

Os autores são essencialmente também educadores e escrevem tendo em mente os professores que conhecem, que já foram ou que ainda são. Escrevem também para aqueles alunos que têm, que já tiveram e que ainda poderão ter. São professores e pesquisadores e por serem ou terem sido educadores relevam noções básicas de propriedade intelectual e direitos autorais.

Para esses autores que participaram das entrevistas terem prestígio não parece ser uma prioridade para eles, em geral a recompensa de escrever um material didático e tê-lo publicado suplanta esse desejo.

Consideram seu trabalho muito importante, mas ao mesmo tempo são desprendidos em relação às cópias que possam vir a fazer de suas idéias, pois para esses autores serem copiados pode ser uma forma de enaltecimento do seu trabalho.

Costumam receber bem as críticas durante a criação e após a publicação de seus livros, desde que as mesmas sejam fundamentadas e coerentes, pois normalmente entendem bem sobre o que estão produzindo. Consideram as críticas essenciais para que possam sempre nortear seus trabalhos na direção das expectativas dos professores e dos alunos que constituem seu principal público-alvo.

Três perguntas importantes deixaram de ser elaboradas nesse trabalho. A primeira delas já foi mencionada ao longo da análise da entrevista com a autora NN e seria a respeito de como o autor se tornou autor de LD para o ensino de LI como LE; que caminhos o levaram até essa profissão. A segunda pergunta seria a partir do depoimento dos autores que disseram se sentir lisonjeados por terem suas idéias copiadas, em relação aos seus nomes; como se sentiriam se os mesmos fossem usados indevidamente, se lhes fosse atribuído algo que realmente não houvessem escrito. Uma terceira pergunta seria a respeito dos planos profissionais do autor para o seu futuro; o que esse autor faria quando não estivesse mais exercendo essa função, voltaria para a sala de aula?

A partir das investigações realizadas nesse trabalho, sugiro que as perguntas mencionadas que deixaram de ser elaboradas sejam temas de futuras pesquisas que busquem aprofundar o conhecimento sobre a identidade autoral daqueles que produzem livros didáticos para o ensino da língua inglesa como língua estrangeira.